



IGREJA *Viva*



ENTREVISTA

"A ORAÇÃO É UM BOM MÉTODO PARA TRAZERMOS A VIDA AO NOSSO SER"

PE. MARCELINO FERREIRA
LABORATÓRIO DA FÉ

P. 03-05

BREVES

“Cristianismo sem Liturgia é um Cristianismo sem Cristo”, avisa Francisco

O Papa defendeu ontem a necessidade de participar nas celebrações litúrgicas, em comunidade, para que cada católico se possa considerar verdadeiramente como tal.

“Um Cristianismo sem Liturgia, ousaria dizer, é um Cristianismo sem Cristo. Sem Cristo total”, disse, durante a audiência geral, transmitida online desde a biblioteca do Palácio Apostólico. Francisco falou em particular da Missa dominical, sublinhando que a mesma “não pode ser só ouvida”, como se cada um fosse apenas “espectador”. “A Missa tem de ser sempre celebrada, não só pelo sacerdote que a preside”, insistiu. Francisco alertou para a “tentação”, que se repete na história da Igreja, de “praticar um Cristianismo intimista, que não reconhece a importância espiritual dos ritos litúrgicos públicos”.

**Deus “abre novas possibilidades onde tudo parece perdido”, diz o Papa**

O Papa Francisco presidiu terça-feira à Missa que assinalou o 25.º Dia Mundial da Vida Consagrada, desafiando os participantes a aprender a “paciência” de Deus, que espera por cada pessoa.

“Há-de ser sobretudo o Messias – Jesus, que Simeão estreita nos braços – a revelar-nos a paciência de Deus, o Pai que usa de misericórdia para conosco e chama até à última hora, que não exige a perfeição, mas a generosidade do coração, que abre novas possibilidades onde tudo parece perdido”, afirmou Francisco.

A celebração, na Basílica de São Pedro, contou com a presença de membros de Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica. O Papa partiu do relato bíblico da apresentação do Senhor no templo, onde o ancião Simeão reconhece em Jesus “a luz que veio para iluminar as nações”. “Assim, a paciência de Simeão é espelho da paciência de Deus. A partir da oração e da história de seu povo, Simeão aprendeu que Deus é paciente”, apontou.



OPINIÃO

Missão de Ocua: “reinventar-se” perante a situação de crise

BERNARDINO SILVA

MISSIONÁRIO EM OCUA, CMAB

Viajar para conhecer a Missão de Ocua, situada na Província de Cabo Delgado, em Moçambique, foi um momento de Orgulho e de Felicidade. Orgulho, porque se trata da mais recente paróquia da Arquidiocese de Braga, a 552ª e situa-se na diocese de Pemba e Felicidade, porque acompanho desde o começo a Missão de Ocua e, tinha imensa curiosidade em ver, escutar e sentir, por mim, o que já testemunhara a partir dos relatos dos voluntários que tinham vivido naquela região do povo Macua.

A Missão de Ocua encontra-se na região fronteiriça com a província de Nampula. Atualmente, está a gerir e a coordenar a paróquia de Santa Cecília de Ocua a Andreia Araújo, uma voluntária enviada pela Arquidiocese de Braga, juntamente com o sacerdote missionário Jeancy, congolês e o seminarista diocesano Moisés, moçambicano, ambos enviados pelo D. Luiz Fernando Lisboa, bispo de Pemba, a fim de apoiarem a Missão de Ocua uma vez que, infeliz-

mente, o sacerdote Manuel Faria e a voluntária Fátima Castro que têm destino marcado para esta paróquia e realizar a missão de voluntariado, ainda não tiveram autorização para viajar desde Portugal para Moçambique.

Tanto poderia escrever sobre a Missão de Ocua mas, no essencial, o que importa é valorizar o que já foi executado e contribuir, se possível, com projetos sustentáveis para o futuro da missão. Um dos projetos a concretizar-se, é a construção da Escola que irá, assim, revitalizar uma indispensável área para o desenvolvimento, como é a educação. E será, por si só, um motivo de perspetivar o futuro da missão com um indispensável marco para a história da comunidade local. Relativamente à área da saúde, a Missão de Ocua tem um Posto de Saúde, que funciona cinco dias por semana, com um enfermeiro e um ajudante que permite responder às situações imediatas da população. O projeto de Aleitamento, também associado à Missão de Ocua, tem sido fundamental para tratar os problemas da sub-nutrição e no apoio à maternidade. Pastoralmente fiquei muito agradado com a envolvimento das crianças e dos jovens,

mesmo em tempo de pandemia. Participam ativamente nos ensaios do grupo coral, nas cerimónias religiosas e divertem-se nas atividades lúdicas através de jogos coletivos. Uma alegria contagiante a que vi, senti e que anseio voltar a apreciar.

Mas creio que, neste momento, a Missão de Ocua tem um enorme desafio, que é o de “reinventar-se” perante a situação de crise, e ajudar a criar estruturas dignas de acolhimento a todos os deslocados que estão a chegar à região, porque a situação em Cabo Delgado continua muito delicada, devido aos ataques dos grupos armados. Os deslocados são aos milhares e as aldeias que os acolhem são precárias, assim como as instalações das organizações internacionais no terreno. O território carece de muita ajuda humanitária e de maior atenção internacional, como recentemente denunciou o bispo de Pemba, D. Luiz Fernando Lisboa. Contudo, é impressionante a solidariedade demonstrada pela população local ao nível do acolhimento. Justamente, quem pouco ou nada tem ainda consegue receber aqueles que chegam sem rigorosamente nada, ao fugirem de ataques atrozes e que tudo perderam.





© BEN WHITE / UNSPLASH

ENTREVISTA

“A ORAÇÃO SÓ É VERDADEIRAMENTE ORAÇÃO SE FOR CONVERSA, SE FOR DIÁLOGO”

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA)

NESTA EDIÇÃO DO IGREJA VIVA FALAMOS COM O PE. MARCELINO FERREIRA ACERCA DA PROPOSTA DE LITURGIA FAMILIAR QUE O LABORATÓRIO DA FÉ PUBLICA SEMANALMENTE. O QUE É A LITURGIA FAMILIAR, AFINAL? E COMO É QUE SE REZA EM FAMÍLIA?

[Igreja Viva] O Laboratório da Fé tem, no site, uma área dedicada à liturgia familiar. Porquê?

[Pe. Marcelino] A razão porque demos este passo está intimamente ligada ao primeiro confinamento que aconteceu com esta pandemia. Com o encerrar das igrejas, surgiu esta possibilidade de contribuir para que as famílias possam ter uma ajuda de oração, visto que a participação – no sentido habitual – na eucaristia era impossível. Enquanto refletia sobre isso, muito rapida-

mente, também percebi que o padre Amaro Gonçalo, da paróquia da Senhora da Hora na Diocese do Porto, estava a lançar um conjunto de livros com reflexões e ajudas para cada domingo e, em contacto com ele, chegamos a esta possibilidade de, com o contributo desses textos, elaborar uma proposta de oração que estivesse em sintonia com o domingo e que ajudasse as famílias a celebrar e a viver o domingo. Ou seja, a publicação semanal destas propostas tem praticamente um ano.

[Igreja Viva] Ou seja, é como que um substituto – não o sendo – à celebração da Eucaristia quando ela não é possível?

[Pe. Marcelino] Sim, mas depois continuamos. É um enriquecimento. É mais um contributo para ajudar neste caso em que estamos fechados em casa e impossibilitados de participar na Eucaristia, um contributo para celebrar o domingo em família. Quando podemos participar na celebração da Eucaristia, é um contributo para enriquecer essa ce-

lebração e para ajudar a viver o domingo ao longo da semana. Desde que iniciamos a publicação em Março do ano passado, não a interrompemos, até porque foram surgindo outras interpelações ao longo do tempo e porque a proposta foi bem acolhida, por isso sentimos que era bom dar continuidade.

[Igreja Viva] Fugindo, por enquanto, à razão que fez este contributo surgir, qual é o centro da importância da liturgia familiar?

[Pe. Marcelino] A verdade é que se não tivesse surgido o confinamento e as igrejas não tivessem fechado, não estava nos nossos planos uma proposta desde género. No entanto, ela foi feita dentro daquilo que é o Laboratório da fé e os objec-

tivos a que nos propomos. Ora, a liturgia familiar parte da reflexão dominical que já temos. Digamos que em boa hora surgiu essa oportunidade porque, em termos de oração, tínhamos o vídeo e o texto escrito com a reflexão dominical proposta pelo Laboratório da fé. A liturgia familiar é uma oportunidade de levar esse conteúdo para um ambiente de oração na família. E, nesse sentido, não abdicamos dele porque nos pareceu oportuno. Não é mais uma coisa feita, simplesmente.

[Igreja Viva] Esta liturgia familiar entra no tópico da Igreja doméstica que se tem vindo a falar precisamente desde Março. Mas antes disso, ela estava largamente perdida na vida dos católicos...

[Pe. Marcelino] Bom, pelo menos não se conheciam muitos contributos, existiriam alguns, e quero crer que em muitas famílias existiria ambiente de oração e momentos de oração... Conhecemos aquele mais comum, a oração do terço em família. Sabemos que isso, em famílias mais jovens, se foi perdendo, e as dinâmicas que fazem com que as pessoas, com o trabalho e outras ocupações, acabem por nunca estar juntas, impedem muitas vezes essa forma de oração em família, que se foi como que privatizando, devido à tendência da sociedade para o individualismo. O que aconteceu acabou por ser um bom contributo para estes momentos em família, e a liturgia familiar desperta, pelo menos, esta possibilidade naqueles que estavam mais adormecidos. Temos visto por aí experiências muito bonitas e interessantes de algumas famílias que as partilham, portanto digamos que este subsídio e outros que existem podem ser um pretexto para despertar as famílias, ou um elemento mais atrevido que se possa assim sentir motivado a puxar para que todos se juntem e façam uma oração juntos.

[Igreja Viva] Então considere que as mudanças a que os confinamentos obrigaram puxaram pela oração em família?

[Pe. Marcelino] Sim, porque repara... Criou-se a ideia, numa boa parte dos cristãos, que a celebração da fé passaria, digamos, quase exclusivamente por ir à missa ao domingo, simplesmente. Nesse sentido, foi-se descuidando o aspecto da vida da fé fora do ambiente do templo. Por outro lado, vemos que esta participação dominical atinge um público mais idoso, o que significa que os mais novos já se desvincularam dessa celebração comunitária da fé – pelo menos de uma forma habitual. Não quer dizer que, num ou noutro momento, não vão participando, acompanhando os filhos na catequese, mas mesmo essas pessoas, na sua maioria, não têm uma prática dominical regular da celebração comunitária da fé. Ou seja, esta ocasião foi mesmo um despertar para a possibili-

dade da oração em família... Em muitos sítios, como aqui em Portugal, cada vez mais se quer que o falar da fé seja restrito, privado, pessoal. Quase que se quer retirar esta dimensão pública e comunitária do nosso ambiente, e isso não nos faz bem, a nenhuma confissão religiosa. Um dos aspectos fundamentais da nossa fé é a partilha com os outros, é a comunidade, é falarmos com os outros sobre as nossas experiências de Deus.

[Igreja Viva] Este novo hábito, onde ele foi criado, pode ficar depois da pandemia?

[Pe. Marcelino] Creio que sim. Desejo que sim. Desejo que se sinta, no seio das famílias, este desejo por celebrar a Eucaristia prolongando-a ao longo da semana, no ambiente familiar. Uma coisa é ir à Eucaristia ao domingo, o que é sempre bom e em família, então, é ótimo, mas também sabemos que nem sempre é possível. Até no sentido em que a família não consegue toda participar na Eucaristia ao mesmo tempo, é bom que haja um momento em casa que sintonize todos os elementos à volta desse domingo e que cada um vá partilhando a sua própria experiência. Naqueles para quem ainda não é possível ir ao encontro da comunidade... Não podemos falar em substituir. Nem a celebração comunitária da fé substitui a oração em família, nem o contrário. São coisas que se completam e que se enriquecem mutuamente. Queira Deus que um dos frutos da pandemia, se assim pudermos dizer, seja que a oração em família seja recuperada.

[Igreja Viva] A oração em família é um momento de descontração, por assim dizer, que permite recentrar no meio do barulho do dia-a-dia e 'desligar' do mundo. Mas muitas vezes é o próprio dia-a-dia que impede, em alguns casos, que estes momentos aconteçam, porque se algumas pessoas, com o confinamento, acabam por ter mais tempo livre em mãos, outras têm menos, começando logo pelas tarefas domésticas, que se multiplicam. Como é que isto se contorna?

[Pe. Marcelino] Eu não diria desligar, eu diria que ser-

© PRISCILLA DU PREEZ/UNSPLASH





Quando se fala de oração como diálogo, não quer dizer que estamos sempre a falar. Mas esse silêncio é, também, o patamar mais alto da oração, tal como é o patamar mais alto das relações entre as pessoas – quando não estamos confortáveis com o outro, não nos aguentamos em silêncio.

ve para ligar o mundo à nossa vida, porque nós andamos desligados. Fazemos coisas, mas não pomos o nosso ser nas coisas que fazemos. E a oração ajuda-nos a isto. A oração, do meu ponto de vista – seja ela na celebração da Eucaristia, seja pessoal, seja em grupo ou família –, é um bom método para nós trazermos a vida ao nosso ser, e percebermos o sentido da vida nas coisas que nós fazemos. Eu interpreto assim, nós precisamos da oração não para cumprir nenhuma obrigação – que também existe nos preceitos da Igreja –, mas para percebermos que, ao trazermos a nossa vida à oração, estamos a dar sentido àquilo que fazemos, e o nosso ser envolve essas coisas que fazemos – que parece que nos desligam uns dos outros e até nos desligam do sentido da vida – e recentra-nos nesse mesmo sentido da vida, que para nós está em Deus, e é por isso que oração nos faz isso. De maneira que talvez

as fórmulas, que dizemos de cor – não do coração, infelizmente, mas da boca –, talvez não seja o mais adequado. E talvez se tenha perdido muito o valor da oração porque nos focamos demasiado em fórmulas e em doutrina, e não fizemos verdadeira evangelização, do verdadeiro anúncio do Evangelho, e não fizemos uma verdadeira ligação com Deus a partir da oração. Não quero dizer que as fórmulas não são úteis, mas quero dizer que, quando nos focamos apenas em fórmulas, não trazemos a vida à nossa oração. Daí que uma proposta deste género da liturgia familiar também não precisa de ser levada à letra, porque então também não trará a vida para a oração. Claro que, não tendo nada, serve como ponto de partida, como se fosse um tutorial. A proposta é uma forma de iniciar a prática, o hábito. Mas o objectivo é que se deixe de precisar das indicações. Digamos que estes tempos são para lermos

as instruções de como é que se pode rezar em família, para depois nos soltarmos disso e fazermos o nosso próprio caminho. E é aí que, a partir da leitura do Evangelho ou da Palavra de Deus no seu todo, é que verdadeiramente começamos a reflectir sobre o que é que as diferentes passagens nos dizem, o que é que elas trazem para a nossa vida, ou como é que iluminam o que nós vemos. E aí, o mais novo da família irá falar de uma experiência e o mais novo falará de outra diferente, e aí é que surge verdadeiramente a liturgia familiar.

[Igreja Viva] Precisamente falando das fórmulas, a rigidez associada à oração, o que faz muitas vezes esquecer que a oração pode ser uma conversa, uma reflexão a partir da Palavra...

[Pe. Marcelino] A oração só é verdadeiramente oração se for conversa, se for diálogo, cuja iniciativa parte de Deus. Nem é uma coisa que eu faço. Eu coloco-me disponível para escutar Deus, o diálogo vem de Deus. A Igreja diz isso, que Deus vem falar connosco como amigos. Quando eu percebo isso é que entro em diálogo. Inicialmente, ou em alguns momentos, esse diálogo pode ser feito através de fórmulas que eu aprendi, que servem de ‘livro de instruções’, e pode ser feito através de um guião que impulsiona essa escuta mas, verdadeiramente, nós, cristãos, só podemos falar de oração se ela for diálogo. E diálogo não quer dizer, necessariamente, palavras. Diálogo também é silêncio. Na nossa vida, nós dialogamos com as pessoas com quem nos sentimos bem sem precisar de dizer nada. Só o facto das pessoas estarem juntas conforta-nos mutuamente, ajuda-nos a perceber o outro e a ler a vida de uma forma diferente. Nós vemos isso, agora, porque não queremos estar sozinhos ou isolados. Quando se fala de oração como diálogo, não quer dizer que estamos sempre a falar. Mas esse silêncio é, também, o patamar mais alto da oração, tal como é o patamar mais alto das relações entre as pessoas – quando não estamos confortáveis com o outro, não nos aguentamos em silêncio. Mas quando esta-

mos confortáveis, as palavras são, muitas vezes, mais um complemento do que a essência. Na oração também é assim, o estarmos juntos é que nos conforta, é que nos traz o sentido da vida. Mas ainda temos muito caminho a percorrer, digo eu... Pelo menos em termos das propostas que fazemos comunitariamente. Na Igreja Católica, como reacção à Reforma [Protestante], a partir do Concílio de Trento focamos-nos nos sacramentos, com a sua dimensão ritual e comunitária, e fomos perdendo outros âmbitos, como este da oração, da contemplação, da meditação. Graças a Deus que temos, nos últimos tempos, recuperado isso e acho que estamos num bom caminho. Outro dia, numa conferência na Semana de Liturgia de Viana do Castelo, com a coincidência do texto litúrgico da semana, falou-se na referência que o Evangelho de Marcos faz à oração em família. O Evangelho conta que um homem que é curado por Jesus quer ir com ele, porque acha que ser discípulo de Jesus é simplesmente ir com ele. E Jesus diz-lhe para ele ir para a casa dele, “vai para junto dos teus e conta-lhes o que o Senhor fez por ti”. A liturgia familiar é isto. Cada um vai para sua casa e fala da sua experiência com a família, conta o que tem vivido... E nós não estamos habituados a isto, a partilhar uns com os outros. Mesmo os padres, nas suas reflexões partilhadas... Nós, os padres, e até os catequistas, todos nós, evangelizadores, precisamos de aprender isto: deixar de dizer aos outros o que eles têm que fazer e contarmos a nossa experiência de Deus, com as suas dificuldades e alegrias, medos, desilusões e esperanças... Isto é que é verdadeiramente transmitir a fé. Pelo menos neste contexto, é assim que eu entendo. Contar aos outros a nossa experiência de Deus.

[Igreja Viva] Isto também permite amadurecer na fé, porque quando nos prendemos exageradamente às fórmulas, nem sequer estamos a pensar no que estamos a dizer e, muitas vezes, fora do contexto da celebração comunitária, é-nos difícil repetir uma oração como, por exemplo, a do Credo...

[Pe. Marcelino] As fórmulas servem para isso, para esses momentos comunitários – embora eu ache que elas poderiam ser reformuladas. O Credo, por exemplo, tem um grande valor histórico e doutrinal, mas para a grande maioria das pessoas, não nos sintoniza com a vida, porque são expressões cunhadas noutro tempo. Nós precisamos de fórmulas, num contexto sacramental e comunitário é útil seguir um guião, um ritual, até porque os rituais também nos fazem falta, e hoje em dia isso é muito claro. Mesmo fora da religião, percebemos que deixar os hábitos e rituais não é saudável para o ser humano. Mas o que dissesse é um perigo, e todos nós passamos por isso. Já todos estivemos em celebrações em que pouca gente sabe as orações, e se torna fácil perdermo-nos, porque estamos habituados a dizer as coisas de forma quase mecânica. Como é que eu posso fazer com que a oração do Credo desça ao meu coração? Neste caso, só num sentido simbólico de algo que eu adopte para a minha vida, porque sei que é a fé da Igreja. Mas, do ponto de vista dos conceitos utilizados, talvez haja necessidade de reformular algumas dessas orações, ou pelo menos criar alternativas.

[Igreja Viva] Voltando à oração em família, é importante criar um ambiente, um espaço próprio, em casa, que ajude, que favoreça essa oração?

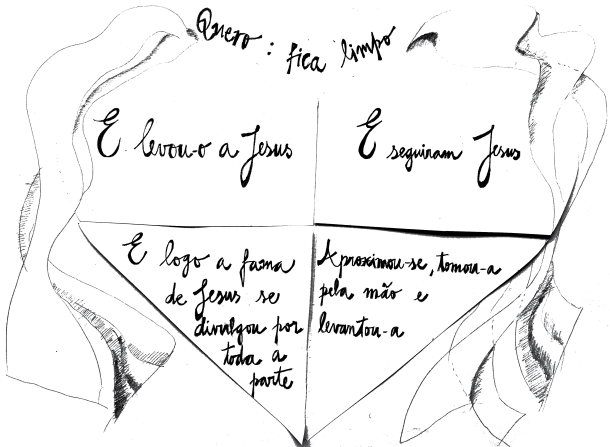
[Pe. Marcelino] Sim. É importante fazer a oração num espaço onde todos se sintam confortáveis, onde possam estar juntos. Uma das coisas que nos fomos apercebendo foi da oração no espaço da cozinha, ou na sala de jantar, e lançamos a oração de bênção da mesa e da família. Se der para, antes da refeição, uma vez por dia, quando for possível, fazer uma oração de bênção... Aí nem é uma questão de tempo, é de disponibilidade, disposição. Assim, está lá essa oração, no final do guião. Mas muitas vezes o espaço da sala é o melhor... Depende muito, mas é importante criar esse ambiente, nem que seja tendo um objecto, como uma Bíblia, que nos lembre, à passagem, da oração, e que nos permite focar no momento da oração.

“Quero: fica limpo”

VI DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

O coração estará completo, encarnado, surgindo à sua volta a frase: “Quero: fica limpo”. Nesta semana, o coração aparecerá envolvido por tecidos brancos.



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Lev 13, 1-2.44-46

Leitura do Livro do Levítico

O Senhor falou a Moisés e a Aarão, dizendo: “Quando um homem tiver na sua pele algum tumor, impigem ou mancha esbranquiçada, que possa transformar-se em chaga de lepra, devem levá-lo ao sacerdote Aarão ou a algum dos sacerdotes, seus filhos. O leproso com a doença declarada usará vestuário andrajoso e o cabelo em desalinho, cobrirá o rosto até ao bigode e gritará: «Impuro, impuro!». Todo o tempo que lhe durar a lepra, deve considerar-se impuro e, sendo impuro, deverá morar à parte, fora do acampamento”.

Salmo responsorial

Salmo 31 (32), 1-2.5.7.11 (R. 7)

Refrão: Sois o meu refúgio, Senhor; dai-me a alegria da vossa salvação.

LEITURA II 1 Cor 10, 31 – 11, 1

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus. Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à Igreja de Deus. Fazei como eu, que em tudo procuro agradar a toda a gente, não buscando o próprio interesse, mas o de todos, para que possam salvar-se. Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo.

EVANGELHO Mc 1, 40-45

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, veio ter com Jesus um leproso. Prostrou-se de joelhos e suplicou-Lhe: “Se quiseres, podes curar-me”. Jesus, compadecido, estendeu a mão, tocou-lhe e disse: “Quero: fica limpo”. No mesmo instante o deixou a lepra e ele ficou limpo. Advertindo-o severamente, despediu-o com esta ordem: “Não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua cura o que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho”. Ele, porém, logo que partiu, começou a apregoar e a divulgar o que acontecera, e assim, Jesus já não podia entrar abertamente em nenhuma cidade. Ficava fora, em lugares desertos, e vinham ter com Ele de toda a parte.

REFLEXÃO

A palavra de Deus dá-nos como modelo de fé um leproso. O encontro pessoal com Jesus Cristo abre à possibilidade da libertação de tudo o que oprime e faz sofrer o ser humano: “Quero: fica limpo”.

“Quero: fica limpo”

Como é actual este episódio! Os constrangimentos provocados pela Covid-19 ajudam-nos a compreender um pouco melhor a situação dos leprosos: desde os primeiros relatos do Antigo Testamento (cf. o capítulo treze do livro do Levítico), eram obrigados ao confinamento e ao distanciamento social. Não admira que, também hoje, se use o termo ‘lepra’ para referir a pandemia que estamos a atravessar. É com simplicidade e com convicção que o leproso se aproxima e pede ao Mestre e Médico, Jesus Cristo: “Se quiseres, podes curar-me”. Quantas vezes temos escutado algo semelhante: Senhor, livra-nos deste vírus que nos enfraquece e nos destrói, que

nos afasta e nos mata, que nos atormenta e desumaniza. De alguns, infelizmente, continuamos também a ouvir que se trata de um terrível castigo divino por causa dos nossos pecados. Jesus Cristo, hoje como ontem, não vai nessa onda e prefere mostrar, com palavras e actos, a compaixão e a misericórdia. Agora, vemo-lo nos nossos hospitais, em nossas casas, presente na compaixão e na misericórdia dos profissionais de saúde, dos voluntários e dos trabalhadores e trabalhadoras, dos vizinhos e amigos, em cada homem e mulher que se arrisca ao contágio por amor à vida, em favor do irmão frágil ou doente. A doença, escreveu o Papa Francisco, na mensagem para o Dia Mundial do Doente (que acontece a cada onze de fevereiro), “faz-nos sentir a nossa vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade natural do outro. Torna ainda mais nitida a nossa condição de criaturas, experimentando de maneira evidente a nossa dependência de Deus”. Por isso, a doença também nos faz pensar “sobre o sentido da vida; uma pergunta que, na fé, se dirige a Deus”, ainda que nem sempre encontremos “imediatamente uma resposta”. As curas realizadas por Jesus Cristo são sempre sinal exterior de algo mais profundo e mais importante que acontece àqueles que se deixam tocar pelo seu amor. Queira Deus que seja esse o ‘milagre’ deste nosso tempo: a imunidade de grupo que ansiamos com a vacina, como dizia uma publicação nas redes sociais, seja acompanhada também pela humanidade de grupo. **Vem aí a Quaresma** O episódio deste domingo lembra-me o início do poema de Fernando Pessoa: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”.

A Quaresma, que aí vem, desafia-nos a ‘sonhar’ o querer de Deus, para que se realize a sua obra. A História da Salvação mostra que Deus se implica connosco, “Deus é vida que move a vida, que faz novas todas as coisas, que abre horizontes de futuro, que volta a levantar o que está caído, que volta a pôr em movimento a existência, que não condena mas faz recomeçar, dando sempre novas oportunidades” (Paolo Scquizzato). Caminhemos nesta Quaresma à luz da Aliança estabelecida e renovada por Deus, ao longo dos tempos, até aos nossos dias, até à nossa vida. **Reflexão preparada por** Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

A atitude corporal deve espelhar o nosso coração. Os acólitos, durante as celebrações, tomam várias atitudes: de pé, sentados, de joelhos ou fazendo vénias de reverência. Em cada uma destas atitudes, eles devem ser exemplos para a assembleia quer na simples solenidade do gesto, quer, sobretudo, na verdade do mesmo. O leproso prostrou-se e suplicou. A nossa atitude corporal é acompanhada de prece interior?

Leitores

O leproso devia proclamar “impuro, impuro” para repelir todos os que se aproximassem dele. A maneira de ler do leitor não deve repulsar o ouvinte, antes o deve seduzir pela doçura da sua voz, pelos seus modos discretos e pela beleza com que declama o texto bíblico. Porém, o seu objetivo não é o de em tudo procurar agradar a toda a gente, mas, não buscando o próprio interesse, o de todos, para que possam salvar-se.



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do VI Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 400)

Prefácio: Prefácio VIII dos Domingos do Tempo Comum (*Missal Romano*, 507)

Oração Eucarística: Oração Eucarística III (*Missal Romano*, 529ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Procuremos, nesta semana, crescer na atitude de fazer o bem a quem se encontrar connosco. Valorizemos os pequenos encontros, ou um telefonema a quem já não ligávamos há muito e que sabemos que vive na solidão.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** Sede a Rocha do meu refúgio, Senhor – M. Simões
- **Preparação Penitencial:** Fórmula C – F. Silva
- **Glória:** Glória a Deus nas alturas – F. Silva
- **Apresentação dos dons:** Tudo vos damos – M. Faria
- **Comunhão:** Apareceu entre nós um grande profeta – Az. Oliveira
- **Pós-Comunhão:** Dai graças ao Senhor – F. Santos
- **Final:** Vamos partir – F. Silva

Ministros Extraordinários da Comunhão

Num grande grupo de dança, por vezes, os elementos mais afastados não veem bem o líder da dança, por isso, seguem o movimento de um elemento mais próximo de si. Este último serve de referência, mas apenas porque ele imita o líder da dança. Na vida cristã também assim deve ser. Como São Paulo, o MEC deve ser exemplo a imitar por outros, mas somente se ele próprio for primeiro imitador de Jesus Cristo.

Músicos

O grande compositor J. S. Bach escrevia frequentemente no cabeçalho das suas partituras AMDG, abreviatura de 'Ad maiorem Dei gloriam' que significa: "para a maior glória de Deus". Ele punha assim em prática o conselho de São Paulo: "Fazei tudo para glória de Deus". Desta forma vemos como Bach, sem dúvida um dos maiores compositores de todos os tempos, levava bem a sério os preceitos do apóstolo.

Celebrar em comunidade

Preparação Penitencial

Sugere-se a opção pela fórmula C da preparação penitencial, preferencialmente cantada:

- V.** Senhor, que fostes enviado a curar os contritos de coração, tende misericórdia.
- R.** Senhor, misericórdia.
- V.** Cristo, que viestes chamar os pecadores, tende misericórdia.
- R.** Cristo, misericórdia.
- V.** Senhor, que estais à direita do Pai a interceder por nós, tende misericórdia.
- R.** Senhor, misericórdia.

Homilia

1. A lepra é uma enfermidade. O povo de Israel sabia que era uma enfermidade contagiosa e, para além disso, acreditava que o leproso era um pecador. Por isso, devia andar roto, com cabelo desalinhado, vivendo à margem da população e gritando: "impuro, impuro". Eram normas para que ninguém se aproximasse do excluído. Competia ao sacerdote fazer uma avaliação da pele do doente e

declará-lo curado ou não. Sobre a pessoa leprosa dizia-se que tinha cometido pecados graves, recaía a enfermidade e a exclusão social e também o afastamento do culto a Deus. A impureza era considerada pela Lei de Israel não tanto moral, mas existencial, e proibia não só a participação no culto, como tornava a pessoa indigna de pertencer ao Povo da Aliança. Imagine-se o sofrimento psicológico, o sentido de culpa, a percepção de ser rejeitado, também por Deus, que legislação deste tipo provocava nos doentes.

2. O Evangelho abre uma porta de esperança ao texto do Livro do Levítico que escutamos: "Se quiseres, podes curar-me". "Quero: fica limpo". Jesus estendeu-lhe a mão e curou-o, salvou-o, reintroduziu-o na comunidade. Lembremos que, em Marcos, o 'segredo messiânico' era um aspecto importante a observar: ainda não tinha chegado a 'hora' de Jesus, a hora de revelar-se plenamente. E Jesus pede-lhe sigilo: "não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua cura o que Moisés ordenou". Foi o que

Jesus pediu ao curado. Mas o homem curado, "ressuscitado", depois do "gesto" e da "Palavra" de Jesus, jamais é capaz de silenciar a alegria, a vida nova recebida. Foi "divulgar o que acontecera", antecipando aos mais próximos o feito de Jesus, a salvação. A notícia é tão grande que não pode ser silenciada, guardada só na intimidade do curado, mas deve divulgar-se aos quatro cantos do mundo, e todos devem participar dela.

3. Hoje, infelizmente, dada a situação pandémica que nos é dado viver, novamente temos que nos afastar, confinar, para não contagiarmos ninguém, nem sermos contagiados, para defendermos a vida uns dos outros. Mas continuam a existir pessoas excluídas e marginalizadas, que vivem fora do campo de uma vida digna. Apesar de tanta luta e projectos parece impossível eliminar a fome do mundo. Hoje, façamos o que está ao nosso alcance para que ninguém ao nosso lado fique à beira do caminho, excluído. (...)

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Quero: fica limpo”

SEXTO DOMINGO
ANO B · 2021



LABORATÓRIO DA FÉ



S. VICTOR ACOLHE E TRANSMITE EM DIRECTO MOMENTO DE ORAÇÃO PELA VIDA E Vocações

Hoje, pelas 21h15, a paróquia de S. Victor, em Braga, acolhe um Momento de Oração pela Vida e Vocações. O encontro é transmitido online e em directo, através da página do Facebook e do canal do YouTube da paróquia anfitriã. Trata-se de um dos muitos encontros de oração mensais promovidos pelo Departamento Arquidiocesano para a Pastoral Vocacional em colaboração com a zona pastoral da cidade e Este do Arcebispo de Braga, que, ao longo de todo o ano pastoral, percorrem as paróquias envolvidas. "Como habitualmente, estes momentos têm procurado promover o «encontro com Cristo Jesus, revelação plena da Caridade divina», interpellando cada um para a fundamental e universal vocação à Santidade, à qual somos chamados pelo Baptismo. Ao mesmo tempo, esta iniciativa

proporciona momentos de oração pelas vocações específicas, como a do matrimónio, a do sacerdócio ministerial e a de vida consagrada em geral, ou também, mais genericamente, vocações a ministérios laicais ligados aos carismas recebidos", destaca a Pastoral Vocacional. Tendo em conta o actual plano pastoral, o Departamento Arquidiocesano procura, também através destes momentos de oração, "promover o despertar de uma nova cultura vocacional, enraizada e concretizada na Caridade que, a exemplo de Jesus, o Bom Samaritano", todos são desafiados a praticar intensamente, "descortinando e discernindo novos caminhos de comunhão, de serviço e de alegria, mesmo, e até sobretudo, em tempos de pandemia".



A BÍBLIA DO PRINCÍPIO AO FIM

ALBERTO DE MINGO KAMINOUCI



Este livro é um convite a iniciar uma viagem através das suas páginas, numa dupla trajectória, tal como a Bíblia está dividida: em Antigo e Novo Testamento. Ambos são testemunhas do assombro de homens e mulheres que afirmam ter sido chamados pelo Criador.

Compre online em
www.livrariadm.pt

Recoleção do Clero

09 FEV. 2021 – «Chegou ao pé dele e vendo-o, encheu-se de compaixão» (Lucas 10,33)

PROGRAMA | 9.30 LAUDES | 10.00 - REFLEXÃO **PE. NUNO VENTURA**

LOCAL | ON-LINE - VIA ZOOM

